

Minhas filhas me tiraram do Orkut

Por Luís Antônio Giron com reportagem de Martha Mendonça

A internet é um avanço extraordinário. Mas pode tornar as crianças e os adolescentes ainda mais distantes dos pais. Foi o que aconteceu comigo



HÃ... HÃ...

Denise Tenório tenta engatar conversas com a filha, Débora, mas só recebe respostas curtas

Minhas filhas me expulsaram do Orkut. E do Facebook, do Messenger, do Twitter. Elas têm 15 e 17 anos. E cometeram um parricídio digital. Não querem me encontrar no universo virtual. Tornaram-se invisíveis. Não sou um analfabeto em internet. Navegar é um hábito que já fez 14 anos. Antes eu usava o ICQ, depois passei para o messenger do Yahoo e finalmente me rendi ao MSN, mais popular. Quando montei meu primeiro blog, em 1995, a coisa nem se chamava blog, e sim site no Geocities. Depois passei para o blogger e faz uns cinco meses que tuito sem parar (você pode acompanhar em @lagiron e @blogmenteaberta). Fui eu que apresentei a internet a minhas filhas. Em vez de me isolar, elas deveriam era entrar para a comunidade “eu amo o meu papai”. Ou ao menos me deixar ficar em contato virtual. O pior é que no mundo real elas também não querem saber de mim. Quando acontece de estarmos todos em casa no fim de semana, as conversas não passam de monólogos polifônicos.

A internet está tornando a vida familiar um circo infernal em que o entretenimento virou a única opção. Eu nunca desejei exercer uma vigilância do tipo Big Brother sobre minhas filhas. Ao contrário, só queria praticar o verbo que tanto celebram hoje: interagir com elas. Mas elas me bloquearam. Muitos pais por aí vivem o mesmo drama que eu e minha mulher. Nós pegamos de frente o touro digital. Crianças e adolescentes só querem bater papo no MSN, trocar fotos, baixar música... ter, enfim, uma vida fora da esfera dos adultos. Eles não convivem com a gente, apenas nos toleram a distância.

Adolescentes não acessam a internet no tempo livre. Estudar e dormir é que são intervalos do mundo virtual

A internet está hoje em 23,8% dos lares brasileiros. São 13,7 milhões de famílias, de acordo com o IBGE. Até alguns anos atrás, o computador era compartilhado por pais e filhos. Agora, os adolescentes têm, cada vez mais, seu próprio equipamento no quarto. O Brasil é o país onde os jovens passam mais tempo nas redes sociais. O Orkut, por exemplo, que nasceu em 2004, praticamente só sobrevive aqui. Os jovens de 12 a 17 anos ficam, em média, 70 horas on-line por mês – cerca de 140 minutos por dia. De acordo com a empresa Symantec, que faz pesquisas sobre internet no mundo todo, 29% dos brasileiros entre 10 e 17 anos declararam preferir falar com amigos e família on-line a pessoalmente. No caso de minhas filhas, só com os amigos.

Nos Estados Unidos é a mesma coisa. Cada vez mais americanos com internet em casa relatam o enfraquecimento do convívio familiar face a face, o sentimento de rejeição de alguns membros da família e a preocupação com o tempo cada vez maior que crianças e adolescentes passam na internet. Uma pesquisa do Annenberg Center for the Digital Future, da Universidade do Sul da Califórnia, apresentada em julho deste ano, mostra que o percentual de pessoas que dizem passar menos tempo com outros membros da família por estarem conectados à rede triplicou – de 11% em 2006 para 28% em 2008. Já as amizades e os círculos sociais não encolheram, de acordo com o estudo. E nem poderiam, diante da multiplicação dos sites de relacionamento. Esquisito é contar como amizade a troca de mensagens com alguém que você nunca vê.

Do rádio ao Facebook

Como a tecnologia afetou as relações familiares



ATÉ OS ANOS 30

O ponto de encontro da família é a mesa. Nas famílias tradicionais, o horário das refeições é sagrado. Fala-se dos acontecimentos e discute-se o futuro



ANOS 40 E 50

A popularização do rádio, com o surgimento de programas como noticiários, radionovelas e programas de auditório, reúne a família em torno do aparelho



ANOS 60 E 70

A televisão é o meio de comunicação e entretenimento imbatível. No sofá da sala, diante do televisor, pais e filhos – nos primórdios, também vizinhos – assistem à programação



ANOS 80

A televisão se multiplica pela casa (na cozinha, nos quartos). O entretenimento familiar se torna individualizado

ANOS 90

Os computadores invadem os lares e são compartilhados por famílias inteiras. A internet é uma janela para o conhecimento e um meio de comunicação



2004

Com a blogosfera desenvolvida e a multiplicação das redes sociais, entre eles o Orkut, os membros da família, em especial adolescentes, se voltam para o universo das relações virtuais



2009

Os computadores se multiplicam dentro de casa, tornando-se equipamentos individuais, e invadem os quartos dos adolescentes. Banda larga, serviços de mensagem instantânea, internet no celular e novos espaços sociais como Twitter e Facebook aumentam o foco dos jovens (e de muitos pais) para a rede, afastando-os da rotina em família



DISCIPLINA VIRTUAL

Ana Paula Latini e os filhos, Bernardo (na cama) e Rodrigo. Ela chegou a proibir internet e games, mas não aguentou as reclamações e “liberou geral”

A empresária carioca Ana Paula Latini, de 40 anos, não foi bloqueada pelos filhos no mundo virtual. Mas expressa grande preocupação com o tempo que os filhos, Bernardo, de 16 anos, e Rodrigo, de 12, passam na internet. “Eu chego em casa do trabalho, à noite, mas eles são saem dos quartos e mal abrem a boca”, diz. Ela já tentou impor limites. Proibiu internet e videogame nos dias de semana, pois achou que estavam atrapalhando os estudos. Com o tempo e as reclamações, liberou geral. “Joguei a toalha. Mesmo sem computador, eles não passaram a estudar mais e nem a se interessar por livros. Parece que o único entretenimento que vale para esta geração é internet e videogame. Às vezes eu chegava cedo em casa e meu filho mais novo já estava dormindo – de tédio.” Como eu, Ana Paula não demoniza a internet. Ao contrário, acha que, bem usada, ela pode ser ótima fonte de informação. E admite que as mensagens instantâneas a ajudam a ficar em contato com os filhos durante as tardes, quando ela está no trabalho e eles em casa. O problema está no foco. Crianças e adolescentes não estão acessando a internet no tempo livre. Estudar, dormir e fazer atividades físicas é que se transformaram em intervalos do mundo virtual.

O professor de educação física carioca Luís Carlos Penna, de 42 anos, diz que ficou “deprimido” depois da noite do apagão. Sem computador nem televisão, deitou-se no sofá com a filha, Laura, de 15 anos, e conversaram, abraçados, até a madrugada. “Eu me surpreendi de quanto ela está madura e soube de histórias da escola que ela nunca havia me contado. Na falta do que fazer, apertamos laços que estavam bem frouxos. Mas, assim que a luz voltou, às 2 da manhã, ela veio me perguntar se poderia ficar na internet até as 3”, afirma. Contei a história para a psicóloga de família Anne Lise Scappaticci. “O simples afeto não garante uma boa relação”, ela diz. “Não basta pais e filhos se gostarem. É preciso investir no tempo juntos, conversar, ter contato físico. A família e os relacionamentos são valores que só aprendemos se convivermos de verdade.”

A funcionária pública carioca Denise Tenório, de 46 anos, diz ter a mesma opinião. Mãe de Débora, de 14, ela gostaria de garantir ao menos um bom papo na hora do jantar, já que só elas duas moram na casa. “Primeiro eu fico esperando um tempão enquanto ela grita ‘já vou’. Depois, chega com a cabeça em outro lugar. Tento engatar conversas, mas raramente ouço mais do que um ‘legal’ ou ‘hã... hã...’. Mal acaba de comer, ela já corre para a internet de novo.” Nos fins de semana, Denise, que é maratonista e adora estar ao ar livre, faz de tudo para tirar a filha de casa. “Mas, se vamos visitar alguém, ela já procura um computador. É muito difícil lutar contra isso”, diz. Débora admite que às vezes passa dos limites, mas acha que é uma questão de geração. “A vida de todos os meus amigos é assim.”

Alguns especialistas me garantem que estou exagerando ao atribuir à internet o comportamento de minhas filhas. “Para esta geração, bloquear você no MSN é o equivalente a fechar a porta do quarto na cara do pai, na geração anterior”, afirma Andréa Jotta, do Núcleo da Pesquisa em Psicologia da Informática da USP. “No passado, os adolescentes ficavam em seus quartos ouvindo música ou conversando com os amigos. Agora navegam na internet. E não gostam que seus mundos sejam invadidos – por mais que os pais sejam legais e interessados”, diz. O psiquiatra Jairo Bouer, que há anos acompanha o comportamento dos jovens, afirma que os pais devem limitar o uso da internet e alertar os filhos sobre os perigos da rede. Mas diz que eles precisam entender que esse é o meio de comunicação desta geração – como a televisão e o rádio foram para as gerações anteriores. “Não se pode esquecer que a TV era chamada de máquina de fazer doido”, afirma. “Hoje os pais – que cresceram com ela – a acham inofensiva. O problema passou a ser o computador.”

Segundo o engenheiro João Antônio Zuffo, da Universidade de São Paulo (USP), autor de *A infoera: o imenso desafio do futuro*, os pais que não têm grandes conhecimentos de internet sofrem muito mais que eu. Basicamente por dois motivos. O primeiro: como não sabem exatamente por onde os filhos circulam no meio digital, tendem a criar fantasias sobre os perigos da rede. O segundo: saber menos que os filhos sobre algo que está no centro do mundo contemporâneo mexe com a hierarquia familiar. Em que outro momento uma geração de filhos dominou tanto uma tecnologia a ponto de tornar alguns pais dependentes de sua ajuda? É verdade. Eles se apossaram de um espaço que está fora e longe do controle de muitos pais. Transitam em um universo subterrâneo, desconhecido da maioria da gente grande. Mas essa é uma explicação apenas parcial. Mesmo quem tem certo saber adquirido no mundo digital, como eu; é obrigado a ficar de fora, bloqueado, excluído, deletado. Não há mais diálogo possível?

Deve haver uma saída para tudo isso, mas ela só será encontrada quando esta geração de adolescentes do milênio tiver crescido e virado objeto de estudo. Algo que evite o rendimento medíocre no colégio, a indiferença pela cultura tradicional e a falta de curiosidade pelo que os mais velhos podem ensinar apenas pelo fato de o Google deixar tudo ao alcance de um clique. A turma da próxima década poderá se beneficiar. Espero. Com sorte, conseguirei seguir meus netos no Twitter, conversar com eles pelo MSN – e também, quem sabe, olhando nos olhos.